

CONGRESSO / Câmara tem três CPIs instaladas — a das apostas esportivas; a das Americanas; e a do Movimento Sem Terra (MST) — e mais uma está saindo do forno: uma mista para apurar os atos de 8 de janeiro

Quatro investigações simultâneas

» RAPHAEL FELICE

O Congresso terá quatro comissões parlamentares de inquérito (CPIs) funcionando ao mesmo tempo. Além da CPI mista, com deputados e senadores, dos atos golpistas de 8 de janeiro, a Câmara tem outras três instaladas: a das apostas esportivas; a das Americanas; e a do Movimento Sem Terra (MST).

Nas comissões que vão investigar os motivos do rombo nas Lojas Americanas e os esquemas de manipulação de resultados em jogos de futebol, a tendência é que haja um consenso, deixando a disputa política em segundo plano com foco objetivo de todos os integrantes nas investigações.

Já os colegiados que vão investigar os atos golpistas e o MST serão ringue para uma intensa luta política entre governo e oposição. A tendência é que a CPMI seja midiática, com deputados e senadores buscando frases de efeito para “lacrar” com recortes nas redes sociais.

A oposição defende que existe uma espécie de conluio ou conspiração do presidente Luiz Inácio Lula da Silva e do governo para facilitar a invasão dos prédios públicos e ganhar politicamente com o episódio. Após terem ficado com a imagem manchada por conta dos atos golpistas, que teve até deputado chamando pessoas para as manifestações, os opositores querem mudar a narrativa do ocorrido, mas estarão em minoria. Situação essa fez com que, internamente, alguns parlamentares tenham se arrependido de ter pressionado tanto pela CPMI, mas após o governo “trucar” e resolver encerrar a comissão, ficou tarde demais para voltar atrás.

Na CPI do MST, por sua vez, os adversários de Lula terão ampla maioria. Dos 27 titulares, apenas sete são aliados do governo. A oposição defende a tese de que o PT facilita e encoraja invasões por parte do Movimento Sem Terra. O foco das investigações será descobrir se há algum tipo de facilitação ou ilegalidade na relação próxima que alguns integrantes do governo têm com membros do movimento.

O MST indicou nove superintendentes para o Incra. A boa relação do governo com os Sem Terra é um dos maiores pontos de divergência impostos a Lula pela bancada ruralista. Principalmente os deputados bolsonaristas vão tentar usar a CPI como um instrumento agudo de desgaste ao governo, que poderá apenas se defender, pois em minoria, não conseguirá revidar os ataques.

“A atuação de membros do governo é uma coisa que vai ser investigada. Um dos meus



A atuação de membros do governo é uma coisa que vai ser investigada. Um dos meus requerimentos é a convocação do ministro da Justiça (Flávio Dino), do ministro do Desenvolvimento Agrário (Paulo Teixeira) e do o ministro da Agricultura (Alexandre Fátvaro), justamente porque você teve um aumento de invasões a partir da posse do presidente”

Kim Kataguiri,
vice-presidente da CPI do MST

requerimentos é a convocação do ministro da Justiça (Flávio Dino), do ministro do Desenvolvimento Agrário (Paulo Teixeira) e do o ministro da Agricultura (Alexandre Fátvaro), justamente porque você teve um aumento de invasões a partir da posse do presidente”, disse o deputado Kim Kataguiri (União-SP), vice-presidente da CPI.

Já a base governista teve posicionamento contrário a todas as CPIs, uma vez que elas acabam atrapalhando o ritmo normal da Casa, bem como a votação de projetos em plenário. Além disso, a base acaba dividindo as atenções da articulação de pautas estruturantes no Congresso com as CPIs. Dentro do Congresso, a frase “CPI nunca é boa para o governo” é vista como uma máxima dentro das duas Casas.

O posicionamento contra as comissões foi reafirmado pelo líder da Federação PT/PCdoB/PV, Zeca Dirceu (PR), principalmente a do CPI do MST. “Não acho que é o nome dos mais equilibrados, dos que têm mais condição de diálogo para fazer o que de fato não só essa CPI, mas qualquer outra possa ter um bom funcionamento. Acabou sendo o nome que prevaleceu na escolha do presidente da Câmara”, lamentou Dirceu durante a semana.

A única comissão que o governo passou a apoiar foi a do 8 de janeiro, mas só depois do vídeo que revelou a presença do general Gonçalves Dias, ex-ministro do Gabinete de Segurança Institucional (GSI) no Palácio do Planalto interagindo com os vândalos naquela tarde de domingo.

As comissões parlamentares de inquérito



ALTA TEMPERATURA

CPMI Atos Golpistas 8/1

Membros: 32 titulares (16 senadores + 16 deputados) + **32 suplentes** — faltam indicações de dois senadores (MDB) e um deputado (bloco de Lira)

Presidente: Arthur Maia* — neutro

1º Vice: a definir

Relator: Sen. MDB (será um aliado do governo)

19
governistas

X

11
opositores

GOVERNO

- Sen. Omar Aziz (PSD-AM)
- Sen. Otto Alencar (PSD-AM)
- Sen. Eliziane Gama (PSD-MA)
- Sen. Cid Gomes (PDT-CE)
- Sen. Fabiano Contarato (PT-ES)
- Sen. Rogério Carvalho (PT-SE)
- Sen. Ana Paula Lobato (PSB/MA)
- Sen. MDB
- Sen. MDB
- Dep. Duarte Júnior (PSB/MA)
- Dep. Duda Salabert (PDT-MG)
- Dep. Rafael Brito (MDB/AL)
- Dep. Paulo Magalhães (PSD/BA)
- Dep. Rubens Pereira Júnior (PT/MA)
- Dep. Rogério Correia (PT-MG)
- Dep. Jandira Feghali (PCdoB/RJ)
- Dep. Erika Hilton (PSOL/SP)

Suplentes que podem ganhar espaço

Randolfe Rodrigues (Rede-AP), Zenaide Maia (PSD-RN), Augusta Brito (PT-CE), Aliel Machado (PV/PR), Adriana Accorsi (PT-GO), Carlos Veras (PT-PE), Pastor Henrique Vieira (PSOL/RJ)

OPOSIÇÃO

- Sen. Eduardo Girão (NOVO/CE)
- Sen. Magno Malta (PL/ES)
- Sen. Esperidião Amin (PP/SC)
- Sen. Damarens Alves (Republicanos/DF)
- Sen. Marcos do Val (Podemos/ES)
- Dep. Carlos Sampaio (PSDB-SP)
- Dep. Aluisio Mendes (Republicanos/MA)
- Dep. Rodrigo Gambale (Podemos/SP)
- Dep. André Fernandes (PL/CE)
- Dep. Delegado Ramagem (PL/RJ)
- Dep. Filipe Barros (PL/PR)

Suplentes na tropa de choque:

Sen. Flávio Bolsonaro (PL-RJ), Sen. Jorge Seif (PL-SC), Sen. Luis Carlos Heinze (PP/RS), Sen. Cleitinho (Republicanos-MG), Dep. Felipe Francischini (União/PR), Dep. Marcos Feliciano (PL-SP), Dep. Eduardo Bolsonaro (PL-SP), Dep. Nikolas Ferreira (PL-MG)

Governo, mas nem tanto: Sen. Davi Alcolumbre (UNIÃO/AP)
Neutros: Arthur Maia (União-BA) e Soraya Thronicke (União-MS)

CPI MST — Câmara

Membros: 27 titulares + 27 suplentes

Cenário: 20 ruralistas e 7 governistas (ainda faltam indicações)

Presidente: Tenente-Coronel Zucco (Republicanos-RS)

1º vice: Kim Kataguiri (União-SP)

Relator: Ricardo Salles (PL-SP)

8
governistas

X

16
opositores

ALIADOS GOVERNO

- Padre João (PT-MG)
 - Nilto Tatto (PT-SP)
 - Valmir Assunção (PT-BA)
 - Paulão (PT-AL)
 - Max Lemos (PDT/RJ)
 - Sâmia Bomfim (PSOL-SP)
 - Daiana Santos (PCdoB-RS)
 - Charles Fernandes (PSD-BA)*
- Suplentes que podem ganhar espaço**
Gleisi Hoffmann (PT-RS), Camila Jara (PT-MS), Marcon (PT/RS), João Daniel (PT-SE)

*É aliado do governo, mas a reportagem não conseguiu confirmar posição com relação ao MST

OPOSIÇÃO — BANCADA RURALISTA

- Ricardo Salles (PL-SP) - presidente
- Tenente-Coronel Zucco (Republicanos-RS)
- Capitão Alden (PL-BA)
- Evair de Melo (PP-ES)
- Delegado Fábio Costa (PP-AL)
- Caroline de Toni (PL-SC)
- Delegado Éder Mauro (PL-PA)
- Domingos Sávio (PL-MG)
- Hercílio Coelho Diniz (MDB-MG)
- Kim Kataguiri (União-SP)
- Alfredo Gaspar (União-AL)
- Nicoletti (União-RR)
- Messias Donato (Republicanos/ES)
- Marussa Boldrin (MDB-GO)
- Lucas Redecker (PSDB-RS)
- Magda Mofatto (Patriota-GO)

Suplentes na tropa de choque
Gustavo Gayer (PL-GO), Clarissa Tercio (PP-PE), Coronel Christóvão (PL-RO)

BAIXA TEMPERATURA

Não deve ter tanta disputa política e o foco ficará com as investigações:

CPI das apostas: 34 membros + 34 suplentes (faltam três indicações)

Presidente: Dep. Júlio Arcoverde (PP-PI)

1º vice: André Figueiredo (PDT-CE)

Relator: Felipe Carreras (PSB-PE)

CPI das Americanas: 27 membros + 27 suplentes (faltam duas indicações)

Presidente: Gustavo Ribeiro (Republicanos/SE)

1º Vice: Presidente Júnior Mano (PL/CE)

Relator: Carlos Chiodini (MDB/SC)

Pacifico/B/D.A Press



ROBERTO BRANT

COM EXCEÇÃO DA PRODUÇÃO AGRÍCOLA E DA GERAÇÃO DE ENERGIAS RENOVÁVEIS, TODOS OS ÍNDICES BRASILEIROS TÊM RECUADO NAS COMPARAÇÕES INTERNACIONAIS

O Brasil na contramão

A vida política é um assunto que interessa cada vez menos aos brasileiros, se levarmos em conta os tópicos de maior interesse que circulam no ambiente das redes sociais. Por mais que na aparência estejamos vivendo na mais ardente polarização, tudo leva a crer que estes sentimentos estão confinados a uma certa elite e que a grande massa da população se mantém em plácida indiferença. Não por desinteresse ou ignorância, mas pela consciência de que o interesse pela política se tornou entre nós uma ocupação inútil.

Todos nós cansamos de repetir que o Brasil recebeu da natureza a maior dotação de

recursos naturais que se possa desejar, mas, infelizmente, temos perdido ultimamente todas as oportunidades para nos desenvolver, prosperar e assegurar boas condições de vida para toda a população. A razão deste fracasso só pode estar no mal funcionamento das instituições do Estado. Um excelente livro de dois autores americanos, Daron Acemoglu e James Robinson, cujo título é *O corredor estreito, investigando o destino da liberdade e do progresso na história do mundo*, mostra que o Estado só funciona no interesse das maiorias quando a ele se contrapõe ou se articula uma sociedade civil ativa e resoluta. Na ausência desta,

o Estado fica a serviço das elites e se torna um instrumento de opressão e de miséria. Talvez seja este, de um certo modo, o caso do Brasil.

O Fundo Monetário Internacional passou a elaborar desde o ano de 1980 uma série que registra a participação dos países na economia global. Ela nos conta uma história muito triste. No seu início, em 1980, o PIB do Brasil correspondia a 4% da economia do mundo. Neste mesmo ano, a economia chinesa representava cerca de 2,3% e a da Índia, 2,5%. Ou seja, a economia brasileira correspondia a quase a soma das economias da Índia e da China somadas. Passado pouco mais de 40 anos, a economia do Brasil representa apenas 2,3% da economia global, encolhendo quase pela metade sua participação

relativa. Enquanto isto a Índia hoje representa mais de 8% da renda do mundo e a China quase 18%. Podemos dizer que perdemos um Brasil nesta caminhada enquanto outros povos multiplicaram sua renda e seu padrão de vida. Como estaríamos hoje se o nosso crescimento não tivesse se interrompido?

Com exceção da produção agrícola e da geração de energias renováveis, todos os índices brasileiros têm recuado nas comparações internacionais. A renda média dos brasileiros representa hoje apenas 25% das dos países avançados e nos últimos anos tem caído em vez de aumentar. Diante de tudo isto, qual é a atitude dos governos e das instituições do Estado? Continuam funcionando como se nada disto existisse ou como se não

tivessem nada a ver com isto.

Ao ver os tribunais julgando, as casas do Parlamento deliberando e o Governo atuando, pode parecer a alguém mais distraído que o país vive a mais completa normalidade, pois o que se passa do outro lado dos muros do Poder tornou-se invisível para eles. O Estado brasileiro vive apenas para si mesmo, sem nenhuma noção de propósito ou sentido de finalidade.

O mundo mudou em quase todas as suas dimensões fundamentais. O século 21 acelerou tendências e está transformando a vida e a economia de um modo vertiginoso. Nossas instituições infelizmente estão velhas e incapazes de agir no mundo novo. A história nos ensina que só onde as sociedades são ativas e controlam as ins-

tuições do Estado as nações podem ser livres e prósperas. Para despertarem do alheamento, as nações precisam de líderes esclarecidos e contemporâneos do futuro. Não é o que tivemos há pouco e não é o que temos agora.

As perguntas que ficam no ar são: para aonde estamos indo? O que será de nós daqui a 40 anos? Vamos continuar regredindo em relação ao mundo ou vamos recuperar o tempo perdido? Uma coisa é certa: o mundo não vai parar de andar para nos esperar. A se julgar pelo estado de nossas instituições e sua resistência em se reformar por si próprias, as respostas não podem ser animadoras.

O que consola é que o futuro das nações não é apenas destino. É principalmente uma escolha.